



Editorial: A criação de uma revista e o futuro próximo das áreas de História Antiga e Medieval

A *Plêthos* nasceu como uma tentativa de remar coletivamente contra a maré produtivista e politicamente correta que predomina hoje em dia na Academia. Contra a hierarquização exacerbada dos saberes, base para a desvalorização dos trabalhos de graduandos e pós-graduandos (muito mais dos primeiros que dos últimos, certamente), buscamos concretizar um espaço reservado para a exposição das ideias de alunos de todos os níveis e para o livre debate de ideias e críticas.

Conseguimos. Prezando a qualidade do que é publicado, chegamos ao terceiro número, com trabalhos de alunos de várias regiões do país, que viram na *Plêthos* um local onde poderiam expor suas ideias e enriquecer suas experiências intelectuais e acadêmicas. Experiências estas que são amadurecidas desde o processo de avaliação e crítica dos artigos por parte de pareceristas especializados, até o momento do lançamento da edição da revista, que contém ideias mais maduras do que aquelas apresentadas num estágio inicial de pesquisa. O que importa para nós não é uma posição alta num ranking qualquer de periódicos acadêmicos; pelo contrário, privilegiamos aqui a qualidade e o exercício da crítica.

Além da publicação em si, este número foi lançado num espaço privilegiado de debates intelectuais de alunos: o **II Encontro Discente de História Antiga e Medieval**, cujo tema norteador das discussões foi "Espaços praticados e práticas do espaço". Este evento concretizou o mesmo objetivo inicial da *Plêthos*, de valorizar o debate e a crítica aberta de ideias com base em argumentos. Na ocasião, participaram mais de 150 alunos de graduação e pós-graduação de diversas instituições espalhadas pelo país, que vieram apresentar suas ideias e debatê-las em alto nível com seus colegas discentes.

Os trabalhos contidos aqui expressam a qualidade e o exercício crítico que vêm sendo desenvolvidos desde a graduação, num intercâmbio de ideias entre alunos de todos os níveis de formação, e também com professores especialistas, que também possuem espaço na *Plêthos*.

Nesta edição contamos com trabalhos diversos de História Antiga e Medieval. Dentre os eles, em nível de graduação, temos o artigo de Raquel de Moraes Soutelo, sobre a *interpretatio* de Marte em Conimbriga; o artigo de Adriano Fagherazi, Anny Aldrey da Silva Konrath e Waldemar

Dalenogare Neto, que representa um ótimo início de uma pesquisa em Egiptologia, sobre o cotidiano e a religiosidade dos habitantes de Deir el-Medina, no Egito antigo. O trabalho de Ana Clara Thomazini Racy e Pablo Gomes de Miranda, sobre a conversão da Islândia, consiste num esforço conjunto de uma graduanda e de um mestrando, inserindo-se numa área que vai a pleno vapor no Brasil: a de estudos sobre a Escandinávia medieval.

Em nível de mestrado, há dois trabalhos, um de História Antiga e outro de História Medieval. O primeiro é o de Junio Cesar Rodrigues Lima, sobre as articulações e contatos culturais no império romano, tratando sobretudo do papel social do general romano Pompeu ao adentrar o Templo de Jerusalém, numa abordagem antropologizante baseada nas ideias do francês Marc Augé. Solange Pereira Oliveira, por outro lado, trata das viagens imaginárias e da geografia do além durante a Idade Média, sobretudo dos espaços percorridos pelas almas na obra *Visão de Túndalo*.

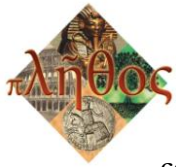
Em nível de doutorado (ou melhor, fruto de dissertação de mestrado de uma atual doutoranda), temos o trabalho de Liliane Cristina Coelho sobre o nascimento e a infância no Egito antigo durante o Reino Médio, um momento tipicamente privado, doméstico, que envolvia, entre outras coisas, o uso de objetos associados à magia.

Além dos artigos, temos duas resenhas. A primeira é a de Marcos Arêas Coimbra, sobre o livro de Thiago Quintana, *Orgulho e tragédia em A Saga de Kormak* (Vitória, 2011), fruto de pesquisa de graduação. A segunda é de autoria de Mariana Figueiredo Virgolino, sobre o livro do helenista inglês Paul Cartledge, *Ancient Greece: A History in Eleven Cities* (Oxford, 2009).

"*L'histoire ancienne ne m'a jamais paru être loin de notre monde, bien au contraire*".¹ Estas e outras ideias estão presentes na entrevista que Pauline Schmitt-Pantel, renomada especialista em Grécia Antiga e professora emérita da Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne, concedeu à Camila Alves Jourdan. A professora, muito simpática, fala sobre sua escolha pela História Antiga, a utilização das imagens pelos historiadores, o estudo de gênero na Antiguidade e os eventos que ocorrem no Brasil, mostrando que a História Antiga não está limitada a seu próprio tempo, mas que também se comunica continuamente com o presente através dos historiadores.

Por fim, contamos nesta edição com a contribuição do professor Álvaro Alfredo Bragança Júnior, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que explora, na seção "Bibliografia

¹ Tradução livre: "A História Antiga nunca me pareceu estar distante de nosso mundo, pelo contrário".



comentada", uma área ainda desconhecida entre nós: a Medievalística Germanística, que consiste no estudo da língua e da literatura produzidas em alemão na Idade Média.

Por fim, acreditamos que a *Plêthos* vá desempenhar um papel significativo no futuro próximo das áreas de História Antiga e Medieval, contribuindo para a formação crítica de novos historiadores, reunidos em torno de debates frutíferos sobre temáticas relevantes de estudos. Para tanto, convidamos a todos os interessados em construir um ambiente saudável de discussão, crítica e exposição de argumentos, enfim, em fazer ciência, a participar deste projeto.

Niterói, 21 de agosto de 2012.

Rennan de Souza Lemos e Ana Carolina Moliterno Lopes de
Oliveira

(Universidade Federal Fluminense)